

## A RELAÇÃO DE MULHERES HOMOSSEXUAIS

**Amanda Karla dos Santos Lima<sup>1</sup>; Giovana Gandra de Matos<sup>1</sup>; Luciane Mundins Kavetzki<sup>1</sup>; André Masao Peres Tokuda<sup>2\*</sup>**

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/ AEMS; <sup>4</sup>Doutor em Psicologia – UNESP, docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

\* autor correspondente: andremasao@hotmail.com

### RESUMO

A sexualidade faz parte da construção e evolução no processo de integralidade da identidade do ser humano. A homossexualidade é simplesmente a atração pela pessoa do mesmo sexo, e a Psicologia, por sua vez, frisa que a homossexualidade não é uma doença, então não existe motivos para buscar a cura, a mesma é uma opção sexual que parte de indivíduo para indivíduo, sendo o mesmo em toda sua totalidade indivíduos iguais, sem distinções, sejam eles homossexuais ou heterossexuais. No entanto, estudos comprovam que os casais de lésbicas possuem uma relação de bem-estar satisfatório e com enorme proximidade entre as parceiras. A Psicologia visa abordar seus critérios e cooperações para todo o contexto homossexual. Com isso, o objetivo do artigo foi mapear como tem sido tratado este cenário, para isso utilizou-se da pesquisa bibliográfica de artigos que estavam na base de dados do Scielo.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicologia e sexualidade; gênero; homofobia; lesbianidade.

### 1 INTRODUÇÃO

É exposto pelos meios de comunicação violências de todas as espécies e tendo como vítimas diferentes tipos de pessoas ou grupos sociais, dentre elas uma que está ganhando um destaque nos últimos tempos é a violência contra a liberdade de orientação sexual. De modo geral, as maiores vítimas dessa agressão são gays, lésbicas, transexuais e outras pessoas que sexuais considerados desviantes da heteronormatividade e binaridade de gêneros.

A constituição da sexualidade, presume-se, no processo de construção de identidade do indivíduo, à concepção nos dias atuais se opõe ao que era descrito e estabelecido, na antiguidade. Entende-se, que o sexo era uma direção sociopolítica que pendurava como aptidão, uma ação, uma proporção da existência humana. Atualmente, o sexo é definido como desenvolvimento de identidade do ser (LIMA; BELO, 2018).

Com base nessa revolução histórica, o sexo passou a integrar e a instituir nossas identidades com um atributo decisivo, de forma que, mais do que possuir geneticamente um sexo, passamos a constituir o nosso sexo. Ao expor, que um corpo é pertencente ao sexo masculino ou feminino, o que está se construindo não é uma definição imparcial e objetiva sobre a concretude corporal; essa respectiva definição faz elevar-se os corpos no interior de uma quantidade de mecanismos de regulamentação, com uma busca discursiva de que os corpos sejam construídos no interior de um modelo heterossexual determinado. A classificação “homem-mulher” faz com que os corpos se voltem construídos, conforme convicções de convergência e dignidade, proporcionando uma suposta imposição de constância, a componentes que seriam, de maneira, descontínuos (LIMA; BELO, 2018).

Sendo assim, somos afrontados por um modelo heterossexual que de-

envolve uma contraposição binária entre os sexos, entendidos como direção de regularização corporal que fantasiam as homogeneidades dos gêneros baseado numa divergência heterossexual e, aparentemente consumado, comum, homem-mulher, neste momento penhorada de relações de governo consistentes tradicionalmente no Ocidente. Segundo Butler (2015, p. 69):

[...] é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.

Para a filósofa, o gênero não é imaginável sem a caracterização de performatividade: uma sequência de ações, sinais, modificações materiais e outros componentes expressivos que, mediante sua referida iteração, compõe a ficção de que existia alguma estabilidade central e pregressa, uma estabilidade compreensível, excessiva, singular e precisa (BUTLER, 2015).

Contudo, este artigo teve como objetivo apresentar aspectos relacionados à homossexualidade, desta forma a atividade proposta foi a análise do filme “Carol”, baseado no livro *The Price of Salt*, filme lançado em 2016 que seguiu todo o roteiro da época de 1950, com base no filme e debate de ambas as alunas foi pontuados os principais pontos observados, usado como base para aprofundarmos em três aspectos no decorrer do artigo.

Já que sabemos que à sexualidade é uma parte fundamental e imprescindível para a existência de um indivíduo, estando presente em toda a extensão de sua vida, nos contatos pessoais, nas relações interpessoais e as relações que são mantidas entre pessoas inseridas em um meio social, envolvendo a subjetividade de cada ser, ou seja, sua relação com ele mesmo, que acabam por

determinar os modos de ser, e de se ver, de pensar e de se revelar para a sociedade, pois a sexualidade é a constituição da identidade e da personalidade.

Este trabalho teve como objetivo apresentar uma realidade polemica no que tange o relacionamento entre mulheres lésbicas, que por sua vez tem sido pouco pontuada e analisada. Buscamos expor sobre a relação de mulheres homossexuais, as dificuldades que elas passam no seu dia a dia, os preconceitos vivenciados e como podem afetar o contexto social, familiar, psicológico e físico destas mulheres.

Como método utilizou-se a pesquisa bibliográfica de artigos e filme que constavam na base de dados das plataformas Google Acadêmico, Netflix e Scielo, utilizando como descritores, relacionamento lésbico, homofobia entre mulheres homossexuais, sexualidade e gênero. Foram consultados trabalhos que abordavam a questão da relação homossexual entre lésbicas, publicados entre os anos de 2001 e 2019.

## 2 INTERPRETAÇÃO DO FILME *THE PRICE OF SALT*

No que concerne ao filme para a construção deste trabalho, “Carol”, pode-se mesurar que foi baseado no livro *The Price of Salt*, foi lançado em 2016 e seguiu todo o roteiro da época de 1950. A cinegrafia aborda a história de uma jovem chamada Therese Belivet (Rooney Mara), que trabalha como vendedora em uma loja de departamentos e nas horas vagas dedica-se a fotografia. A trama traz também seu relacionamento com Richard Semco (Jake Lacy) (HAYNES, 2016).

Um dia, Therese conhece Carol Aird (Cate Blanchett), uma mãe de classe média, elegante e casada que está à procura de um presente de Natal para sua filha. Carol, que está se divorciando de Harge (Kyle Chandler), transparece não estar contente com a sua vida. As

duas se aproximam cada vez mais e, quando Harge a impede de passar o Natal com a filha, Carol convida Thereze a fazer uma viagem pelos Estados Unidos, iniciando assim uma aventura romântica. Entretanto, Carol e Harge iniciam a disputa de guarda por sua filha, o ex-marido demonstra-se disposto a conseguir a guarda da filha, alegando que a mãe não estaria apta psicologicamente para cuidar da criança. É importante ressaltar que, durante o filme, o personagem pondera ainda amar a mulher, neste ponto pode ser observado que, o fato de não poder ter sua amada mulher, este então toma medidas que transparecem fazer a personagem sofrer, tendo que escolher entre ter a guarda da filha e negar quem ela é.

Atualmente, a homossexualidade ainda é considerada um tabu, mas vem ganhando cada vez mais espaço. No entanto, algumas histórias simplesmente não poderiam ser contadas no século passado. A homossexualidade entre 1950 e 1960 não era considerada um “crime”, em grande parte dos países, porém poderia ser enquadrada em possíveis punições voltadas para a prática de atentado ao pudor ou perturbação da ordem pública e ofensa moral, tentando assim justificar o injustificável, ou seja, defendendo assim o padrão da heteronormatividade. Ou seja, se estava diante de uma sociedade com muitos preconceitos e ignorâncias em relação ao universo da homossexualidade, na qual “sair do armário” era considerado uma imoralidade, ainda mais se tivesse uma filha, como é o caso de Carol (CECHINATTO, 2017).

Vale destacar que na sociedade, em que se passa o filme, um bom exemplo de mulher era a que se dedicava ao lar, ao marido e aos filhos, sendo a base da família. Quando representava para sociedade uma má conduta, sua palavra perdia o poder, já que não se encaixava nos padrões impostos.

No início, quando Carol encontra

Thereze pela primeira vez, percebe-se que esbanja sensualidade através do seu modo de conversar, sempre ponderando as palavras com firmeza, leveza e sedução. Seu comportamento reflete a delicadeza e suavidade, assim como o seu olhar, indicando uma atração física por Thereze.

Nosso corpo, embora silencioso, revela mensagens, como valores, emoções, preconceitos, sentimentos e inseguranças, ou seja, uma vivência singular, que fica demonstrado na expressão facial sentimentos, e também através da postura demonstramos aceitação ou negação, ser um indivíduo retraído ou aberto, muitas das expressões e movimentos corporais são carregados de significados de acordo com o contexto, com as crenças, valores e personalidades (RESSEL; SILVA, 2001).

Este acontecimento reflete que Carol já tinha conhecimento da sua homossexualidade, enquanto Thereze, reflete sutilezas com um simples olhar demonstrando, também, estar atraída por Carol. Nota-se através das expressões de Thereze um receio em sua atração, isso se volta para o fato dela estar se relacionando com um homem e se sentir atraída por uma mulher, o que nunca havia lhe acontecido, demonstrando durante o filme a sua dificuldade em entender certos sentimentos.

Após o convite de Carol para que Thereze comparecesse a sua casa, o marido de Carol chega à residência surpreendendo as duas. O personagem mostra-se confuso e irritado com a situação, como retaliação resolve mudar os planos para o natal de sua filha, que até o momento ficaria com a mãe. Questiona Thereze sobre como conheceu sua esposa e alega ser uma ousadia Carol levá-la para sua casa. Neste momento pode-se observar a negação do marido em relação a sexualidade de sua mulher e sua irritabilidade por diminuir sua masculinidade, segundo o personagem.

Desde sempre as discussões sobre

os valores morais se mantem em destaque, para o bom funcionamento da sociedade como um todo, mas quem decide o que é certo ou errado na questão ética, social e moral?

Homens e mulheres carregam desde a gestação modelos de pensamentos, regras, padrões e um conjunto de princípios que são compartilhados em uma sociedade e cultura. Como exemplo, que o homem seria o único provedor da família, sendo o dominador e a mulher deveria ser submissa ao homem (SALEPRIN, 2010).

Então a masculinidade se constitui como uma herança em que as questões de honra e vergonha masculinas impem como justificativas de atos de violências, como o preconceito e a punição de cunho corretivo e disciplinador legitimado pelo pensar social, já que a masculinidade era, e é, vista como grandeza (SALEPRIN, 2010).

Assim, Harge, assim como todos os homens da época, partilhavam do princípio do homem dominador, como era o provedor da casa tinha o direito de domínio tanto da esposa quanto da filha, cabendo a ele tomar todas as decisões importantes, não importando os sentimentos dos demais envolvidos, apenas para benéficos e seus propósitos e prazeres.

Após alguns encontros, Carol e Therese tem a primeira relação sexual, com ambas demonstrando paixão. Carol com medo de perder a guarda da sua filha, se afasta de Therese, sendo obrigada a realizar sessões de psicoterapia e manter seu casamento com Harge.

A presença do psicoterapeuta nesta parte do filme, retrata a época em que a homossexualidade era tratada como distúrbio ou perversão, acreditando desta forma que o homossexual poderia com um tratamento ter a cura ou a mudança de comportamento. Neste caso negligenciando seus desejos e afetos sexuais, passando por cima de desejos e emoções a fim de colocar a frente

apenas o que a sociedade da época em questão determinava como padrão moral e social.

No final do filme perante os advogados, Carol enfrenta a etapa final que irá definir a guarda de sua filha. Diante de provas que, Carol possuiu um relacionamento homossexual, o advogado a informou que possivelmente o juiz concederia guarda unilateral para Harge. Durante a discussão entre os advogados de Carol e Harge, o representante de Carol direcionou seu argumento ao diagnóstico do psicoterapeuta de que Carol estava passando por um momento de fragilidade e choque emocional causado pelos eventos que o marido Harge causou como as discussões.

Carol então pede a palavra e desabafa, confirmando sua homossexualidade e renunciando à guarda de sua filha afirmando que “houve um tempo que eu teria aberto mão de qualquer coisa para ficar com a minha filha, mas para que serviria nós para ser contra o que eu sou?”

Voltando-se para os sentimentos de Carol em meio a tantas repercussões, a personagem demonstra clareza e conhecimento em relação a sua sexualidade, no entanto, os contextos sociais a sua volta, não facilitam sua aceitação, nas quais também afetam sua autoridade, como o filme pondera em relação a guarda da criança. Em uma parte do filme, mostra Carol sentada à mesa de jantar logo após abandonar Therese e negar sua sexualidade devido as situações do processo judicial. Nesta cena, nota-se que Carol só está remexendo em seu jantar, demonstrando não estar com vontade de se alimentar. Pode-se associar tal comportamento aos sentimentos que a mesma apresenta, nos quais podem envolver tristeza, negação, fragilidade como também uma crise de sua identidade, na qual envolve negar-se e assumir um perfil que não lhe pertence.

A palavra homofobia foi descrita

pelo autor Weinberg no desfecho dos anos de 1960, para descrever as emoções relacionadas à fobia, antipatia e indignação que os indivíduos heterossexuais expressam mediante a homossexualidade. Contemporaneamente, é utilizado de maneira que representa condutas de preconceito e rejeições em questões pertinentes ao mundo da homossexualidade (BORGES, 2009).

A homofobia e a heteronormatividade impossibilitam a maioria dos casais homossexuais de assumirem a sua relação para o meio social, e geram determinada crônica para esses casais. Vale ressaltar que desde 1991, a Anistia Internacional considera a discriminação contra os homossexuais uma violação aos direitos humanos, a palavra homofobia significa preconceito ou repulsa contra a homossexualidade, podendo ser uma opressão que ocorre de forma sutil através de ironias, gestos, hostilidade ou agressões físicas leves ou graves levando à morte. Podemos entender então a homofobia, como a atitude de caracterizar o homossexual em condição de inferioridade e de anormalidade (SOBRAL, 2019).

No que condiz ao apoio provindo da família e da sociedade, nota-se que os casais homossexuais não o recebem de maneira significativa comparado ao de casais heterossexuais, surgindo efeitos de invalidação, abonação e consentimento popular da mesma (CANCISU, 2007).

Conforme Ritter e Terndrup (2001), as lésbicas possuem tendência a construir casais com mais periodicidade do que os gays, e a procurar em seus relacionamentos amorosos, ou amigáveis, proximidade e harmonia. As mulheres homossexuais constantemente são pessoas de ocupação, que aceitaram continuar a sua profissão, dessa forma, possuem uma percepção menos preconceituosa por parte da sociedade.

Segundo uma pesquisa realizada com casais heterossexuais e homosse-

xuais (OSLON, 1986), foi constatado que ao comparar casais de sexo oposto (heterossexuais) e casais do mesmo sexo (homossexuais) fica comprovado diante dos resultados, os casais homossexuais são mais coerentes e flexíveis. Desse modo, entende-se, que a elevação de coesão e flexibilidade são particularidades de casais gays e lésbicas, sendo que casais de mulheres possuem mais coesão e flexibilidade do que casais de homens (CANCISU, 2007).

Mencher (1990) salienta sobre a questão de maior proximidade em casais de mulheres, anteriormente designados de fusionais, para algo completamente assertivo. Em seus estudos, a autora pontuou que a convivência intensiva entre mulheres homossexuais lhes concede sentimentos superiores relacionados a confiança e crença no relacionamento, a segurança e a convicção particular, motivando suas ações de realização própria e no campo profissional. Os autores Green, Bettinger e Zachs (1996) sinalizam a realidade de que casais de mulheres são mais unidos e realizados em suas relações do que os casais de homens e casais do sexo oposto.

No que tange a questão de assumir a homossexualidade para a família, foi constatado que não manifesta uma ligação de realização matrimonial e tempo de durabilidade nos casais de mulheres. Casais homossexuais em geral são coesos, extremamente flexíveis e ganham suporte considerável de amigos. Atuam notavelmente bem, independente se recebem ou não suporte por parte da família (GREEN; BETTINGER; ZACHS, 1996).

Conforme as informações levantadas ficam esclarecidos a importância de reconsiderar as concepções de coesão, proximidade e comunicabilidade. Ao contrário do que se preconizava, as relações de mulheres homossexuais não são fusionais, mas suficientes, bastante cautelosas e com grande proximidade entre as companheiras. Apresentam mais fle-

xibilidade com as diretrizes de gênero, desse modo, retratam práticas de gênero com menos rigidez. Não há influências para renda complementar no relacionamento, as conjugues estão unidas pelo relacionamento.

Outro fato que difere os casais de mulheres dos casais de sexo oposto é a regularidade com que as ex-companheiras permanecem ativas e são inseridas no relacionamento atual de mulheres lésbicas.

Muitas vezes, a psicologia foi e é utilizada como ciência capaz de “curar” a homossexualidade, pois a princípio abordavam a homossexualidade como uma psicopatologia ou algum tipo de distúrbio mental. Então, para curar essa doença se utilizavam técnicas e tratamentos de aversão extremamente cruéis, com o intuito de restituir a heterossexualidade por repressão de todos os desejos homossexuais. Dois exemplos de tratamentos que foram muito utilizados anteriormente são eletrochoque, muito conhecido como terapia eletroconvulsiva, e a lobotomia que consiste em uma intervenção cirúrgica (BORGES, 2009).

No mesmo sentido as pesquisas eram direcionadas a procura de uma “cura” para a homossexualidade, já que a mesma era considerada uma doença, ignorando assim os fatores pessoais e sociais do indivíduo, que envolve desde seus sentimentos para consigo como também seu receio em relação a todo o contexto social, ou seja, o medo de não ser aceito tanto na sociedade quanto em sua família.

Em 1973 foi retirada, do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), a doença patológica relacionada a homossexualidade, em 1985 a Organização Mundial da Saúde (OMS) destituiu o termo homossexualismo, já que estava associado à doença, sendo aderido o novo termo, homossexualidade (BORGES, 2009).

Um grande avanço neste trajeto

aconteceu em 1999, quando o Conselho Federal de Psicologia (CFP), constituiu a Resolução 001/99, na qual coloca que as psicólogas são proibidas de referirem-se e tratarem à homossexualidade como doença (CFP, 1999). Desde então, a Psicologia vem atuando com novos propósitos, que não incluem mais a aversão da sexualidade, mas sim a orientação sexual com o intuito de auxiliar o indivíduo a se conhecer e se aceitar, pois em muitos casos os indivíduos reprimem sua sexualidade por medo da sociedade, da família e de si próprio.

Quando abordamos este medo do indivíduo nos âmbitos acima mencionados, estamos nos referindo a alguns pontos comuns, ou seja, tanto na sociedade quanto na família, há o medo da rejeição como também o preconceito. Ao abordar o medo de si próprio, referimos aos sentimentos e a confusão interna do indivíduo. Esta confusão seria a sensação e a distorção dos próprios pensamentos, referindo-se a si próprio como um indivíduo “diferente” dos padrões que a sociedade implica – heterossexualidade. Tais sentimentos adocem o indivíduo desencadeando uma série de fatores, como por exemplo, a depressão e a crise de identidade. É extremamente importante o apoio familiar, pois assim o indivíduo se sentirá acolhido e conseqüentemente mais estruturado psicologicamente para enfrentar a sociedade juntamente com seus preconceitos e rótulos imorais (NASCIMENTO; COMIN, 2017).

Alguns fatores definem a hostilidade destes indivíduos que praticam a homofobia como se o homossexual apresenta qualidade feminina e/ou aspectos afeminados. Nestes casos, a dificuldade em reduzir o preconceito é maior, principalmente se é de origem religiosa (MOTT, 2001).

A Constituição Federal Brasileira de 1988, no artigo 5º cita a punição a qualquer discriminação atentatória dos direitos humanos, como o racismo, en-

globando desta forma qualquer tipo de preconceito. Como consequência ainda não houve uma lei propriamente dita e específica para a comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou transgêneros, queer, intersexo, assexual e todas as outras maneiras identitárias de gênero e orientação sexual) em relação a descriminalização (SOBRAL, 2019).

É perceptivo os níveis de estresse, angústia e de depressão de grande parte dos indivíduos que se identifica como homossexuais, quando estas doenças entram na mente e alma, elas atacam também o corpo e colabora para que a vítima se sinta acuada e perca parte significativa de suas habilidades físicas, cognitiva e a capacidade de se relacionar com o meio social (MOTT, 2001).

Segundo França (2009), a pessoa vítima de homofobia perde a razão de existir, como empregado, aluno, professor, amigo e deixa de ver sentido nas relações, como na igreja, e, por vezes, se vê obrigado a abdicar do aconchego da família pela não aceitação e sentir-se aceito, acolhido e reconhecido, o que são requisitos básicos para a saúde emocional. A sociedade então perde o significado, fazendo com que o indivíduo perca a razão de viver, fato este que justifica o suicídio em muitos casos, já que além de sofrer com os preconceitos muitas vezes o indivíduo sofre com a sua própria identidade que gera uma não aceitação de si mesmo.

Então os homossexuais encontram-se em situação de vulnerabilidade e são expostos a diferentes tipos de violências diariamente. A saúde dessa população é afetada pela homofobia, que provoca quadros e comportamentos que caracterizam sofrimento mental e interfere na adoção de comportamentos e hábitos de vida saudáveis. Entende-se então que é essencial um instrumento legal para punir a homofobia, isso criaria uma pressão simbólica contra a violência. Ao mesmo tempo, é muito importante traba-

lhar na desconstrução do tabu que envolve a homossexualidade, destruindo estereótipos (SOBRAL, 2019).

Para isto, é importante trabalhar desde cedo os futuros indivíduos que serão inseridos em nossa sociedade, passando valores que defendam os direitos humanos, como o respeito, dignidade e valorizando a expressão de liberdade de cada um.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração os aspectos mencionados acima a homofobia em toda sua contextualização, não se desconstruiu ao longo da história, os atos agressivos ainda são presentes, como a exclusão e as críticas imorais que envolvem acima de tudo a religião e a repulsa. No entanto, é notável que mesmo com todas essas questões negativas referente a homossexualidade, os casais homossexuais estão alcançando seus direitos, ou seja, um exemplo disto é o casamento homossexual nos Estados Unidos da América, o que antes era proibido e punido está sendo legalizado.

A psicologia, por sua vez, tem como objetivo dentro deste contexto, esclarecer todos os apontamentos em relação à orientação sexual, auxiliando o indivíduo a se conhecer e se compreender, para assim conhecer suas emoções, seus sentimentos e sua sexualidade, aplicando todo suporte necessário para evitar seu adoecimento psíquico. Portanto, pode-se concluir, que indivíduos homossexuais ou heterossexuais são indivíduos comuns, ou seja, independente de questões sexuais, sociais e raciais, cada um deve possuir seus direitos enquanto ser humano, as diferenças devem ser respeitadas para que assim se possa estabelecer um ambiente respeitoso entre todos.

### REFERÊNCIAS

ASINELLI-LUZ, A.; CUNHA, J. M. Per-

cepções sobre a discriminação homofóbica entre concluintes do ensino médio no Brasil entre 2004 e 2008. *Educar em Revista*. Curitiba. Editora UFPR, n.39, p.87-102, 2011.

ALBUQUERQUE, G. A. et al. Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. *Homossexualidade, Resolução 01/99, [s. l.], v. 37, n. 98*, 2013.

BRASIL ESCOLA. A autoaceitação da homossexualidade a partir de um caso real. Disponível em: <<https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/atualidades/a-autoaceitacao-homossexualidade-partir-um-caso-real.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

BORGES, K. *Terapia Afirmativa: uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais*. São Paulo, 2009.

CANCISSU, C. R. P. *Lésbicas, família de origem e família escolhida: Um estudo de caso*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. p.47-50, 2007.

FILME *THE PRICE OF SALT*. Disponível em: <[https://www.netflix.com/watch/80058700?trackId=14170287&tctx=0%2C0%2Ca821f54-efbd-408c-949a-35eb5c299d7f-25615573%2C125a69bd-36a5-48b5-a903-d46fe9415686\\_53660299X3XX1585080408749%2C125a69bd-36a5-48b5-a903-d46fe9415686\\_ROOT](https://www.netflix.com/watch/80058700?trackId=14170287&tctx=0%2C0%2Ca821f54-efbd-408c-949a-35eb5c299d7f-25615573%2C125a69bd-36a5-48b5-a903-d46fe9415686_53660299X3XX1585080408749%2C125a69bd-36a5-48b5-a903-d46fe9415686_ROOT)>. Acessado em: 28 fev. 2020.

LIMA, V. M.; BELO, F. R. R. *Gênero,*

*Sexualidade e o Sexual: o sujeito entre Butler, Foucault e Lapnache*. *Psicologia em estudo*. Maringá, v. 24, fev. 2019.

MAXWELL. A movimentação homossexual dos anos 50 e 60. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26997/26997\\_4.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26997/26997_4.PDF)>. Acesso em: 23 mar. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Disponível em: <[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_saude\\_lesbicas\\_gays.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf)>. Acesso em: 23 mar. 2020.

MOTT, L. A revolução homossexual: o poder de um mito. *Revista USP*. São Paulo, n.49, p.40-59, 2001.

NASCIMENTO, G. C.; COMIN, F. S. *A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica*. São Paulo. v. 26, n. 3, 2017.

RESSEL, L. B.; SILVA, M. J. P. Reflexões sobre a sexualidade velada no silêncio dos corpos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. São Paulo. v. 35, n. 2, p.150-154, 2001.

SALEPRIN, M. J. *A construção do homem e as mudanças paradigmáticas, notas de estudo de Ciências Biológicas*. Educadores, 2010.

SOBRAL, H. S.; SILVA, M. L. V. da; FERNANDES, S. C. S. *Homofobia: o que a psicologia brasileira tem a dizer?* Artigo de revisão. *Rev. CES Psico*, v. 12, n. 3, p. 20-34, 2019.